

# PLANO GERAL

Eduardo Brito, Francisco Brito e Miguel Teixeira\*

Coordenador do  
projecto Reimaginar  
Guimarães;  
Investigadores

Desconhece-se a primeira imagem fotográfica de Guimarães, uma fotografia mais antiga que todas as outras, aquela que resulta do primeiríssimo disparo fotográfico feito na cidade. A construção de uma história da fotografia em Guimarães vai-se fazendo por pequenas aproximações. Por exemplo: poderá dizer-se que a construção de uma memória fotográfica de Guimarães se inicia com as imagens do seu espaço público captadas por Frederick William Flower (1815-1889). São da autoria deste escocês radicado no Porto sete calótipos com vistas do Castelo, do Paço dos Duques, da Oliveira e da fachada de Santo António dos Capuchos, realizadas entre 1849 e 1859.<sup>1</sup> Porém, será seguro crer que a cidade já tivesse sido fotografada antes de Flower: a presença do fotógrafo na cidade presume-se mais próxima do final da década 1850, altura em que seria já uma prática conhecida em Guimarães.

Pelo seu conjunto monumental, a cidade cedo se tornou lugar de paragem nas viagens de fotógrafos português e estrangeiros que marcam o início da história da imagem fotográfica em Portugal. É de Antero de Seabra a única imagem que se conhece do Tournal antes da remoção da sua fonte (feita entre 1857 e 1864). Nos jornais da época encontram-se referências a fotógrafos itinerantes que se instalavam temporariamente em Guimarães, bem como artigos sobre o modo de fazer boas fotografias. A edição do *Tesoura de Guimarães* de 19 de Outubro de 1858 dá conta da presença na cidade de Julien Billiard, da Casa Fillon, aberta um ano antes no Porto. No número 95 da Rua de Santa Luzia, Billiard *ensina a photographia* para além de desenvolver actividade retratística *entre as nove da manhã e as cinco da tarde*. No referido jornal, a 7 e 10 de Dezembro de 1858, Bruto d’Affonseca escreve um detalhado artigo sobre história e prática da fotografia.

Na década de 1860, pelas mãos de D. Teresa Cristina, mulher do Imperador D. Pedro II, chega ao Brasil o “*Album Pittoresco e Artístico de Portugal*”, datado de entre 1843 e 1870, com autoria atribuída a Vigé & Plessix.<sup>2</sup> Entre outras vistas fotográficas de Portugal, encontram-se uma panorâmica de Guimarães—a mais antiga que se conhece até ao momento, de cerca de 1860—e uma fotografia do Castelo. Em França, através do periódico “*Le Tour du Monde*”, apresentavam-se alguns dos monumentos mais emblemáticos de Guimarães. E em Portugal, através do célebre “*Archivo Pittoresco*”, a cidade era dada a conhecer a partir de um conjunto de gravuras elaboradas com base em diversas fotografias.

Na transição para a década de 1870, António Augusto da Silva Cardoso, litógrafo, pintor e fotógrafo retratista, abria a Casa Cardoso, que seria a maior referência da fotografia vimaranense até ao século xx. Em 1876 e 1878, Francisco Martins Sarmiento dá a conhecer as suas descobertas arqueológicas através de um corpo fotográfico produzido entre 1874 e 1878 e enviado ao Instituto de Coimbra, à Sociedade de Geographia de Lisboa e à Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses.<sup>3</sup> Lê-se no Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884: “Há na cidade dous ateliers photographicos. Um pertence ao Snr. Francisco Martins Sarmiento, o sabio archeologo muito conhecido, que se serve para a reprodução dos objectos que tem descoberto nas suas investigações. O outro propriedade do Snr A. A. da Silva Cardoso, pintor retratista, é sobretudo um accessorio de sua arte. As provas que apareceram na Exposição ficaram fóra do concurso”.<sup>4</sup>

No último quarto do século XIX, estão referenciadas várias casas fotográficas que popularizam o retrato fotográfico e transportam a fotografia do estúdio para o exterior: a Foto União (de Carvalho, Abreu e C.ia), a Foto Vimaranesense (que sucedeu à Casa Cardoso), o Atelier de José dos Santos Carvalho, no nº 111 da Rua de Santo António, entre outros. Em 1910, na Avenida do Comércio (actual Avenida Afonso Henriques), abre portas a Foto Eléctrica-Moderna, de Domingos Alves Machado,<sup>5</sup> que se iria tornar na principal casa de fotografia de Guimarães na primeira metade do século XX. É precisamente na sua actividade fotográfica de mais de cinquenta anos que nos detemos: o espólio da Foto Eléctrica-Moderna e Foto Moderna forma o núcleo central da Colecção de Fotografia da Muralha, organizada pelo projecto Reimaginar Guimarães.<sup>6</sup>

Entre Julho de 2011 e Dezembro de 2012, foram limpos, digitalizados e arquivados os mais de cinco mil seiscientos e trinta e seis originais fotográficos (negativos de gelatina-brometo de prata em placa de vidro e negativos em película de gelatino-brometo de prata) que constituem o espólio da Foto Eléctrica-Moderna e Foto Moderna que a Associação Muralha adquiriu em dois momentos: um, em 1981, outro em finais da década de oitenta do século passado. Coincidentemente, ambas aquisições voltaram a reunir o espólio desta casa de fotografia, actualmente depositado no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, em Guimarães.

Os objectivos deste projecto assentaram em duas grandes linhas: uma, transformar um fundo num arquivo enquanto estrutura que possibilita uma certa teoria e prática de ordenação; outra, comunicar e partilhar este processo e o seu resultado. No que concerne a esta última, a criação de um arquivo *online*, a concepção e comissariado de exposições e correspondentes catálogos<sup>7</sup> universalizam e comunicam um considerável corpo de estudo, investigação e criação em torno da imagem fotográfica da cidade. No que diz respeito ao trabalho de edificação de um arquivo fotográfico, às suas tarefas de natureza conservativa acresceu um trabalho de datação, referenciação e indexação de cerca de duas mil imagens—precisamente as de espaço público da Colecção. Aqui chegados, importa partilhar, também, este processo.

Com a digitalização destes originais, criou-se um acervo novo e paralelo, neste caso feito de píxeis. Como em qualquer colecção, inclusivamente *digital* o seu armazenamento é feito num espaço físico—um computador, discos externos, servidores—que, como todos os *espaços de arquivo* exigem precauções e cuidados próprios. Porque conservar um documento é garantir que o mesmo se encontre permanentemente legível e acessível,<sup>8</sup> há que ter em conta uma necessidade de regular verificação que garanta que a colecção *esteja sempre* pronta a transferir-se, a migrar em perfeitas condições de legibilidade, para o mais actualizado e fiável sistema de armazenamento.<sup>9</sup>

Uma operação de digitalização de uma colecção fotográfica pressupõe a indexação das imagens físicas às imagens digitalizadas. Segue-se a sua identificação, descrição e legendagem, feita com base nas recomendações SEPIADES—*Safeguarding European Photographic Images for Access Digitization*, um sistema de arquivo desenvolvido exclusivamente para imagens fotográficas. A partir deste mode-

lo foram adoptados e criados campos de descrição que não só garantem uma uniformização da Colecção num contexto arquivístico europeu, mas também atendem às especificidades da Colecção de Fotografia da Muralha: a sua geografia—Guimarães—e temática—oscilante entre espaço público e retrato de estúdio.

Datar mais de mil imagens de espaço público e largas centenas de retratos e fotografias de diversa natureza é uma operação complexa. A metodologia adoptada centrou-se na análise de fontes bibliográficas e iconográficas que, em conjunto, permitiram encontrar uma data aproximada, e em alguns casos exacta, para cada uma das imagens estudadas.

Foram quatro as obras de referência utilizadas para este trabalho: *Guimarães do Passado e do Presente*, *Guimarães Através do Bilhete Postal Ilustrado*, *O Labor da Grei*, e, da autoria de Maria José Queirós Meireles, *O Património Urbano de Guimarães no Contexto da Idade Contemporânea (Séc. XIX—XX)*.<sup>10</sup> Contudo, muitas outras fontes foram utilizadas para que, com rigor, se procedesse caso a caso à datação mais adequada. Da consulta de jornais à correspondência privada, com o recurso à análise de pormenores presentes nas fotografias: matrículas e modelos de automóveis, vestuário, características e mudanças urbanísticas e arquitectónicas, especificidades de casas comerciais, entre muitos outros. Para além desta análise *endógena* das imagens, numa segunda fase as mesmas foram objecto quer de uma análise ao seu suporte físico, quer de uma comparação com outras imagens semelhantes (e, em certos casos, sequenciais) que o tempo do arquivo tratou de dispersar e desligar.

Este processo teve sempre por base a noção da sua natureza aberta, de trabalho em permanente progresso e diálogo (mais uma vez, a partilha): muitas das respostas que permitem, com facilidade, aprofundar a datação das imagens em estudo poderão encontrar-se nos milhares de edições ocasionais ou periódicas publicadas sobre Guimarães ao longo de todo o século xx. Mas também na memória de cada um dos que vêem a Colecção: reconhecendo um familiar, identificando um evento ou local e até determinando, pela observação de qualquer particularidade, a data exacta de uma das milhares de imagens da Colecção de Fotografia da Muralha. Um trabalho de todos, portanto.

1. GRAY, Michael, in *Frederick William Flower—Um pioneiro da Fotografia Portuguesa*, Ed. Lisboa, Capital Europeia da Cultura, 1994, p. 12.

2. Cfr. Acervo da Biblioteca Nacional Digital do Brasil, in [www.bndigital.bn.br](http://www.bndigital.bn.br).

3. BRITO, Eduardo—“Comer o Colóquio— A Fotografia de Francisco Martins Sarmiento” in *O Fotógrafo Martins Sarmiento*, ed. Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura, 2012, p. 21

4. In *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*, Porto, Typ. de A. J. da Silva Teixeira, 1884., p. 21.

5. “Foto-Eléctrica Moderna de Domingos Alves Machado—Guimarães. Fundada em 1910. Fotografias de monumentos, objectos artísticos, costumes regionais, retratos, ampliações, em sépia, sanguínea e preto.” in *O Labor da Grei*, Francisco Martins (editor), Guimarães, 1928, p. 142.

6. Sobre as imagens da Foto Eléctrica-Moderna, cfr. LOURENÇO MARQUES, Susana, “A Cidade de Vidro”, e BRITO, Eduardo, “Imaginar Histórias na Cidade” in *A Cidade da Muralha*, Ed. Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura, 2011, p. 20-42.

7. *A Cidade da Muralha*, Dezembro de 2011; *Rever a Cidade—Refotografias de Inês d’Orey e Carlos Lobo de Imagens da Colecção de Fotografia da Muralha*, Setembro de 2012 e *Plano Geral—Grande Plano*, Dezembro de 2012 e, fora do âmbito da Colecção de Fotografia da Muralha, *O Fotógrafo Martins Sarmiento*, Março de 2012.

8. LAVÉDRINE, Bertrand—*Photographs of the Past—Process and Preservation*, Ed. Getty Publications, LA, 2009, p. 310.

9. LAVÉDRINE, Bertrand, *ibid*, p. 310.

10. *Guimarães, do Passado e do Presente*, coord. de Joaquim Fernandes, Ed. Câmara Municipal de Guimarães, 1985. *Guimarães—O Labor da Grei*, Francisco Martins (editor), Guimarães, 1928. *Guimarães Património da Humanidade Através do Bilhete Postal Ilustrado*, coord. José Manuel da Silva Passos, Lisboa, Livros Horizonte, 2003. MEIRELES, Maria José Marinho Queirós, *O Património Urbano de Guimarães no Contexto da Idade Contemporânea (Séc. XIX-XX)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia Urbana, Braga, 2000 (in [www.repositorium.uminho.pt](http://www.repositorium.uminho.pt)).